

A reflexão comunicacional da fenomenologia e hermenêutica à intersubjetividade

The communicational reflection of phenomenology and hermeneutics the intersubjectivity

Fábio Rodrigo de Moraes Xavier

Resumo

O presente artigo objetiva desenvolver a reflexão comunicacional a partir da percepção fenomenológica, hermenêutica à intersubjetividade, tendo como base a construção filosófica interacional entre sujeitos em certa construção de formatação real, na prática da vida. Visa colaborar para o envolvimento de sentido, o qual se constitui como fonte formadora para a percepção da realidade, na condição dos aspectos comunicacionais socioculturais. O aporte teórico traz autores que têm como ponto norteador a reflexão para possibilidade de entendimento subjetivo no que concerne ao envolvimento na execução do saber, no conhecimento existencial do ser. Pode-se então chegar à reflexão de que a essência da produção e da constituição de comunicação reside na essência da formatação de realidade dentro do processo fenomenológico, hermenêutico e subjetividade interacional, bem como na intersubjetividade.

Palavras-chave

Comunicação, fenomenologia social, hermenêutica, intersubjetividade.

Abstract

The present article has as perspective the phenomenological, hermeneutical and intersubjectivity, based on an interaction philosophical construction that has involvement in the structure real, in the practice of life. The reflection collaborates for the understanding of the reality and also the sociocultural aspect communication. The authors compose as a point of reflection for the possibility of understanding of the subjective aspect in the involvement of the be. We can perceive the communication in the hermeneutic phenomenological the interactional subjectivity, well as the intersubjectivity.

Keywords

Communication, social phenomenology, hermeneutic, intersubjectivity.

Fábio Rodrigo de Moraes Xavier

Universidade Federal do Pará

Pesquisador do corpo discente da Universidade Federal do Pará (UFPA) no curso de Comunicação. Participou do projeto de pesquisa a Experiência social, cultura e comunicação na Amazônia. Etapa 1: Intersubjetividade e pragmática comunicativa em mercados de Belém e também do projeto de pesquisa A dimensão intersubjetiva dos fenômenos comunicativos. Elementos teóricos e metodológicos para pensar a comunicação a parti da noção de intersubjetividade. Atua em conjunto com o Grupo de Pesquisa Fenomenologia da Cultura e da Comunicação, certificado pela (UFPA) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da mesma instituição.

fabio.rodrigo.moraes.xavier@gmail.com

Introdução

Pode-se dizer que o entendimento da perspectiva da reflexão comunicacional da fenomenologia e hermenêutica à intersubjetividade é um fator de reflexão acerca da realidade, assim como propõe a capacidade de entendimento da interação do sujeito com relação ao outro, em diferentes construções subjetivas, que são expressas em certos contextos socioculturais.

O objetivo deste artigo é compreender a construção comunicacional do indivíduo a partir do processo fenomenológico, hermenêutico à intersubjetividade. Parte-se de três ideias principais: a primeira diz respeito à percepção da fenomenologia enquanto instituição de estar-no-mundo; a segunda contempla a hermenêutica e seu entendimento da capacidade de compreensão, interpretação e certa textura mundana; e a terceira considera a intersubjetividade como ambiente de construção subjetiva em certo campo sociocultural.

A reflexão se caracteriza tanto na perspectiva fenomenológica, hermenêutica como também se institui dentro do fator intersubjetivo. Tem como aspectos fundamentais a comunicação, a interação, o entendimento do processo comunicacional, do conhecimento, do ser. A perspectiva do entendimento é fonte norteadora para a percepção do sujeito em seu desenvolvimento com a prática da vida.

O aporte teórico aqui proposto traz Dartigues (1992) – que discorre sobre o aspecto fenomenológico e a percepção da construção do pensamento; Nunes (2004) – que trata do entendimento e envolvimento da observação fenomenológica enquanto fator condicionante em certa movimentação de construção real cotidiana; e Castro (2013) – que pontua a compreensão fenomenológica do conhecimento como um substrato comunicacional do estar-no-mundo.

Além dos autores citados, os pensamentos de Gadamer (2007) e Schutz (2012) trazem apontamentos importantes para compreensão e interpretação da construção de certa capacidade de significação, do mundo da coisa, da textura, resultantes de certo fator comunicacional sociocultural, bem como proporcionam melhor clareza de atuação da ideia intersubjetiva de que o mundo social é – em que o homem nasce – constitui o centro de suas relações com diferentes sujeitos e subjetividades.

A ambientação do indivíduo com relação à realidade é uma justificativa, em sua maneira de interação, da construção de sentido como fonte formadora de compreensão, interpretação e textura mundana. Colabora para o entendimento do estar-no-mundo, bem como do ser em sua fonte formadora de realidade.

Fenomenologia

A reflexão dentro do campo do fenomenológico considera o conhecimento e a observação no entendimento da ideia do fenômeno, para posterior meditação na hermenêutica e na intersubjetividade. Para melhor compreender o que é a fenomenologia, Benedito Nunes esclarece que o aspecto fenomenológico, em suas diferentes acepções:

A palavra fenomenologia, peça importante no estoque terminológico do pensamento contemporâneo, pode ser tomada em três acepções. De um modo geral, designa uma nova atitude filosófica à luz da qual Edmund Husserl (1859-1938) focalizou a problemática da filosofia. Foi dessa atitude que resultou um processo de investigação, relativamente autônomo, que constitui a fenomenologia no sentido metodológico do termo. Temos, finalmente, na terceira acepção, a fenomenologia no sentido estrito: é a filosofia fenomenológica propriamente dita, que sintetiza o

desenvolvimento que, dentro de uma perspectiva idealista, Husserl deu à atitude e ao método por ele estabelecido (NUNES, 2004, p.93).

Percebe-se que a construção fenomenológica compõe outra forma de construção filosófica, propondo uma reflexão sobre a própria fundamentação do conhecimento e sobre a própria possibilidade da teoria, em si mesma; enquanto prospecção da compreensão, ela reverte a ideia do que seria o entendimento científico. Logo, a fenomenologia, em sua acepção de crítica à pretensão de um conhecimento puro, deve ser entendida como uma relação direta entre o indivíduo que conhece e o fenômeno, ou seja, aquilo que aparece se manifestar.

Podemos perceber em (DARTIGUES, 1992, p. 8) considera “o esforço filosófico de Husserl é, com efeito, destinado em seu espírito a resolver simultaneamente uma crise da filosofia, uma crise das ciências do homem e uma crise das ciências pura e simplesmente”. Uma situação de crise da filosofia assinalada por (NUNES, 1993, p. 173) é que “a figura da crise é, pois, uma figura íntegra; abrange a cultura em seu todo como um todo; as dimensões intelectuais, social e política não podem ser isoladas entre si e se completam pelo aspecto ético”.

Ambos os autores referem-se à crise do modelo kantiano de conhecimento, um modelo que propunha a perspectiva de que o estudo envolve, necessariamente, sujeitos e objetos. Por sua vez, Simmel (2013) – compartilhando dessa mesma perspectiva, embora por outras vias teóricas – salienta que:

A imagem de mundo Kantiana se desdobra, assim, de modo a perfazer o mais peculiar dos contrastes: por um lado, as nossas impressões sensíveis são, para Kant, puramente subjetivas, já que dependem tanto da organização físico-psíquica (que poderia ser outra, em outros seres), quanto da casualidade do seu estímulo, e elas passam a ser “objetos” na medida em que são assimiladas pelas formas do nosso intelecto (SIMMEL, 2013, p. 654-655).

Com efeito, tanto Simmel, como Husserl, têm em comum a crítica operada por Dilthey a respeito da teoria do conhecimento e sua proposição de que as ciências humanas – ou ciências do espírito – não produzem, necessariamente, um saber mediado por essa relação entre sujeitos e objetos. Acerca dessa questão, Nunes argumenta que:

O ato de conhecer pertence a um sujeito psicológico-empírico. Mas o conhecimento mesmo é indissociável de conteúdos objetivos, válidos, quaisquer que sejam oscilações da experiência individual. De que modo, porém, acompanhar o pensamento se não acompanharmos os atos que o especificam, tais como perceber, conceber, julgar, raciocinar e imaginar? (NUNES, 2004, p. 96).

Nesse processo, o conhecimento se torna um ato vivencial, que se desenvolve na sensibilidade do estar-no-mundo e do perceber-se no mundo. A especificidade do pensamento é proporcionada pela capacidade do indivíduo compor sentido ao mundo percebido por meio dele. O psicológico empírico de que fala Nunes é a formação do ato do conhecimento, e tem como atividade o pensamento desenvolvido em envolvimento no ato existencial.

Nota-se que a vivência se constitui tanto como um processo a priori, de antes, anterior ao sentido da coisa, anterior à coisa em si, bem como enquanto um processo a posteriori, do depois, compreendido como a sensibilização e a significação que a coisa conhecida por dar ao ser. A

questão é colocada como ponto motor da reciprocidade em que o sujeito tem com o mundo já percebido, a maneira pela qual se envolve e se percebe como é. A esse respeito, destaca Dartigues:

Vivência da consciência, inconcebível sem essa vivência, a questão de seu ser não pode mais se dissociar da questão da origem do sentido que se enraíza na vivência da consciência, na qual encontraremos então, segundo a fórmula de Husserl retoma de Empédocles, os rhizomata panton, as raízes de todas as coisas. (DARTIGUES, 1992, p. 22)

Nessa perspectiva, a vivência da consciência colabora para a interpretação do indivíduo, o processo de experiência vivida. A percepção e o conhecimento como observação decorrem, portanto do estar-no-mundo dos sujeitos. Em (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6) esclarece este aspecto ao dizer que “a percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles”.

Pode-se, então, ter uma reflexão sobre a percepção da realidade que aparece se situar como tal, já que “a fenomenologia só é acessível a um método fenomenológico. Trata-se de descrever, não de explicar nem de analisar... A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 2). Portanto, é imprescindível considerar a maneira que a fenomenologia se constitui no envolvimento com o contexto real cotidiano.

O envolvimento do indivíduo com relação ao sentido que o cerca colabora para a percepção da existência, segundo a reflexão de Merleau-Ponty. A maneira pela qual se desenvolve e como forma o sentido do mundo, o estar-no-mundo está diretamente ligada à descrição, que é aspecto importante, pois local que pontua a sensibilidade, também pontua o sentido que é desenvolvido para a construção de certa realidade. A explicação à análise nada mais é do que um envoltório que influencia o processo de percepção de localidade com relação ao sentido e à construção anterior à formatação simbólica real.

A fenomenologia neste aspecto ressalta a existência de algo como apresentação latente daquilo que significa, com o movimento do significante e de expressividade simbólica. Conforme (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 20), “repousa sobre si mesma, ou, ainda, funda-se a si mesma. Todos os acontecimentos apoiam-se em um ‘solo’ de postulados e, finalmente, em nossa comunicação com o mundo como primeiro estabelecimento da racionalidade”.

De um lado, a reflexão pode ser percebida como a troca simbólica que atua no movimento de estruturação do ser-no-mundo, aspecto que se constitui como a essência de sentidos. Nesse caso, seria como uma ligação que elabora e reelabora para o desenvolvimento do real, o mundo como ele é. Por outro lado, o campo do comportamento de indivíduos, enquanto ação como fonte geradora de sentido, pode ser compreendida, conforme Dartigues, da seguinte forma:

O campo do comportamento é assim ao mesmo tempo campo de ação e campo de percepção, já que a percepção é função das necessidades do organismo e de suas visadas dirigidas ao ambiente e já que a ação, por seu lado, é função das necessidades do organismo e de suas visadas dirigidas ao ambiente (DARTIGUES, 1992, p. 43).

Cabe ressaltar que a caracterização do campo do comportamento se revela como fator de formação da percepção. Fatores que de algum modo formam a necessidade de envolvimento daquele indivíduo diante da

perspectiva de como se desenvolve e se percebe dentro de uma determinada realidade.

As visadas dirigidas ao ambiente se compõem como fator de direção para a função de necessidade de organização social. Compõem aquilo que desenvolve a percepção e a relação do sujeito que ali se percebe, sendo condição para formação e ligação de determinados indivíduos a uma espécie de mesma ponte de pensamento, condição para o entendimento do outro.

Entende-se então que o fator principal para o envolvimento comunicacional de percepção se caracteriza como meta para formação de pensamento e desenvolvimento da construção da formatação real, como estruturas que estão de alguma maneira expressas e divergentes em ambientes simbólicos espaciais, que se caracterizam como fonte de construção, de percepção e interação com relação ao sujeito.

Observa-se a constituição da intencionalidade como maneira de propor sentido daquilo que ali é dado, como fonte de formação de pensamento, dentro do eixo da ação do objeto no desenvolvimento sensível de sentido aquilo que é permitido ser como tal.

Tal como Husserl o concebeu, pode o nexó intencional ser percorrido em duas dimensões: uma que vai do objeto visado (nóema) à consciência, outra que vai do modo de visar (nóesis) ao objeto visado. O que é dação do objeto, sob a primeira dimensão, apresenta-se sob segunda como ato de dar sentido (sinngabung). Ambas são propriedades essenciais do ser intencional da consciência (NUNES, 1986, p. 51).

Partindo dessa ideia, pode-se entender que a intencionalidade perpassa duas dimensões: uma do objeto visado (nóema) e a outra no modo de visar (nóesis), caracterizando assim a apresentação da ação que compõe uma construção de sentido, proporcionando a própria significação no envolvimento com a realidade.

A consciência se caracteriza por essa movimentação de formação e da perspectiva do real. Do mesmo modo, o movimento recíproco de construção de pensamento para a fisionomia da intencionalidade promove e condiciona a percepção.

A fenomenologia é aí a ciência da consciência pura e como tal uma ciência de caráter eidético, para a qual se transfere o acalento ideal husserliano da teoria pura, do conhecimento filosófico rigoroso, com vigor de uma próte episteme (ciência primeira) (NUNES, 1986, p. 51).

Nesse processo, é perceptível a ideia de ciência primeira na própria formação de análise, algo que encadeia a moldura do que se pode perceber como construção de conhecimento. Isto, a tal ponto, desenvolve a formação de envolvimento de olhar na atividade do real simbólico.

Para que possa ter o entendimento de certa vida quotidiana, a fenomenologia é fator importante para o entendimento e a visualização de fatores expressivos em determinados espaços simbólicos, o que é característica básica para a significação de sentido, do processo de análise de percepção.

A compreensão do conhecimento, ou da natureza do conhecimento, é o que constitui a fenomenologia. É de esse participar do mundo como substrato do conhecimento que parte Heidegger. O Ser-aí (o Dasein heideggeriano) equivale, em Heidegger, a essa compreensão fenomenológica de que o conhecimento é um substrato do estar-no-mundo. É nesse sentido que Castro (2013) explora a forma de entendimento pela comunicação banal presente na vida quotidiana:

abordamos a dimensão da quotidianidade do Dasein – o ser-aí, categoria fundamental da analítica heideggeriana – enquanto processo comunicativo geral e, dessa forma, banal. Num plano mais específico, discutimos a condição mais evidente desse estar-no-mundo, por meio da noção de falatório (Gerede), que procuramos entender como experiência comunicativa fundamental do Dasein (CASTRO, 2013, p. 23).

A proposição de Castro (2013) constitui uma espécie de fenomenologia hermenêutica da vida quotidiana, da banalidade. Trata-se de uma proposição de explorar aquilo que se constitui como um experimentar da vida comum, ou melhor, um estar-no-mundo em comum com as ideias correntes do grupo social dentro do fator comunicacional de interação.

Hermenêutica

No que concerne à hermenêutica, Gadamer (2007) tem como ponto de investigação os pressupostos da interpretação geral. Como ele diz, “a hermenêutica é a doutrina da compreensão e a arte da interpretação daquilo que é assim compreendido” (GADAMER, 2007, p. 94). Nessa perspectiva, entende-se que a compreensão conforma uma interpretação do ser-no-mundo.

A compreensão é como uma conversa onde o intérprete precisa ouvir e respeitar as opiniões da outra pessoa. Nesta conversa, onde várias posições são examinadas, a compreensão correta é obtida quando todos concordam sobre uma posição (SCHMIDT, 2014, p. 22).

Das palavras de Gadamer, pode-se inferir que a compreensão tem, como ponto de entendimento, o sentido daquilo que é construído em determinada existência de percepção. A interpretação caminha em conjunto para captação daquilo que foi proposto como ponto de desenvolvimento de sentido, isto é, a formação do que é e de como é envolvido como fonte de produção da realidade, a tipificação de sentido.

Esta perspectiva da construção filosófica pontua a movimentação da observação da linguagem no aspecto cognitivo. Promove o desenvolvimento da realidade, assim como estabelece ligação entre sujeitos para a compreensão significativa. Condiciona como estrutura de significação para o procedimento hermenêutico.

A filosofia enquanto filosofia hermenêutica procura uma base para os processos cognitivos humanos que se dão na linguagem e diz que existe, desde cedo, um processo comum a todos os seres humanos que lhes permite se comunicarem através de uma linguagem, através dos discursos chamados assertóricos, dos discursos que trabalham com enunciados e que esta condição de possibilidade vem da compreensão, de uma compreensão determinada. A compreensão faz parte do modo de ser do homem. Ela é dada como estrutura prévia de sentido (STEIN, 1996, p. 33).

Os processos cognitivos humanos atendem ao procedimento simbólico de interação para construção e estruturação do real comum entre os sujeitos. Cabe salientar a comunicação como maneira de ligação entre indivíduos na sociedade. A ideia capacita a perspectiva de envolvimento social simbólica e cultural da construção do ser quotidiano.

A ambientação de compreensão vem da capacidade da construção simbólica, ela se sensibiliza com a construção do real, bem como evidencia a possibilidade de percepção e apreensão daquilo que é formatado. Também

pode ter a capacidade de condição de sentido, do diálogo, da própria perspectiva de pensar que compõe o aspecto simbólico da estrutura formada para a realidade, a qual é ordenada e desenvolvida em determinado tempo simbólico espacial.

A construção do diálogo tem como ponto principal o acolhimento ao outro, assim como o entendimento na formação da construção de determinada realidade. O processo influencia diretamente as interações simbólicas para a capacidade de pensamento e de desenvolvimento do outro em suas relações.

A força de viver na construção de realidade, de percepção e de interação do indivíduo o envolve simbolicamente. Atende para tomada de posicionamento para o fator de construção na formatação real.

O tema do trauma da psicanálise é muito conhecido e, contudo, não passa de um fraco testemunho da violência própria à estrutura pulsional, por força da qual temos constantemente de viver. Nosso pensamento tanto quanto a nossa tomada de posição prévia estão incessantemente ameaçada de sucumbirem ao *désir*. Assim, não podemos esconder de nós o quão duro e o quão imprescindível é que vivamos em diálogo. Não buscamos o diálogo apenas para compreender melhor os outros. Ao contrário, nós mesmos é que somos muito mais ameaçados pelo enrijecimento de nossos conceitos ao queremos dizer alguma coisa e ao buscamos o acolhimento do outro (GADAMER, 2007, p. 106-107).

O trauma psicológico tem como ideia principal a pulsação, uma repulsão da consciência de algo que – de alguma maneira – é impedido de vir à tona. Pode-se observar que o procedimento de vivência, em determinado campo simbólico da realidade envolvida, colabora para a percepção e estrutura de envolvimento e relacionamento entre sujeitos.

O acolhimento ao outro tem como capacidade aquilo que dá forma a simbologia, para que então se construa o atendimento de certa frequência de pensamento e entendimento sociocultural entre indivíduos. Ademais, o processo da compreensão como característica da perspectiva de entendimento daquilo que compõe de significado algo textual contribui para a estrutura de alteridade daquilo que é recíproco dentro do envolvimento de construção do sentido comunicacional e sociocultural.

Observa-se a abrangência e o excesso de significação como processos comuns e, talvez, necessários à interpretação. A hermenêutica de Paul Ricoeur colabora para a percepção de capacidade de uma obra, a qual terá sua estrutura, sua significação interna, como também o mundo da coisa do texto, resultando da comunicação, da cultura e da sociedade.

Ter a consciência da linguagem como forma de abstração do mundo – que é interpretado e desenvolvido, como modo de percepção e de condição envolvente da realidade – se constitui como desenvolvimento de intenção referencial de produtividade, de sentido e de significação.

A linguagem tem agora um mundo, e não simplesmente uma situação. Mas na medida em que esse mundo, quanto à maioria dos seus elementos, não foi ainda mostrado, mas apenas designado, torna-se possível uma total abstração da realidade envolvente. É o que acontece com algumas obras do discurso, na realidade, com a maior parte das obras literárias, em que a intenção referencial é suspensa ou, pelo menos, com aquelas em que se suspende a referência aos objetos familiares do discurso ordinário, para não falar, já agora, de outro tipo de referência a alguns aspectos ou dimensões mais profundamente radicados do nosso ser-no-mundo (RICOEUR, 2009, p. 92).

Nessa ideia, tem-se que aquilo a que, por meio do conhecimento tradicional e kantiano, costuma-se chamar de subjetividade, nada mais é do que uma construção conjunta, produzida por diferentes indivíduos, dentro de um mesmo contexto histórico – um contexto produzido pelo ser-no-mundo que surge do processo sociocultural intersubjetivo.

A Intersubjetividade

Para Alfred Schutz, “o mundo social no qual o homem nasce e no qual ele precisa encontrar seu caminho é experienciado por ele como uma estreita rede de relações sociais, de sistemas de signos e símbolos” (SCHUTZ, 2012, p. 92). Deste excerto, pode-se depreender a percepção de Intersubjetividade, a qual se situa na interseção de experiências sociais que conformam o indivíduo. O homem não conhece um mundo na sua “pureza”, como se fosse a priori dado a si: ele herda um mundo. Como Schutz evidencia:

Começamos com um exame do mundo social suas várias articulações e formas de organização que constituem a realidade social para os homens que nele vivem. O homem nasce em um mundo que já existia antes de seu nascimento; e esse mundo não é apenas físico, mas sociocultural. (SCHUTZ, 2012, p. 91)

Nota-se a formação da caracterização de articulações que desenvolve formas de organização, que servem de base para a realidade simbólica. A expressividade dos sujeitos está inserida na produção e no envolvimento do mundo cotidiano.

A perspectiva sociocultural pode ser entendida na realização da construção mundana, na qual o indivíduo se desenvolve na formação simbólica. Um procedimento subjetivo envolve e caracteriza a formatação sociocultural, desenvolvida no fator comunicacional.

Portanto, a forma de envolvimento do “sentido” que pode ser percebida como “resultado de una interpretación de una experiencia pasada contemplada desde el Ahora con una actitude reflexiva” (SCHUTZ, 2008, p. 199). Algo que se relaciona com a compreensão do procedimento e de entendimento daquilo que é formado ao envolvimento com outros sujeitos.

O sentido pode ser expresso pela via da linguagem, nas interações ocorridas, na prática da vida cotidiana que pontua, como finalidade, a interpretação das ações do outro dentro do processo simbólico existente. Ele envolve a criação de realidades e desenvolvimento entre indivíduos para a produção de significado.

O envolvimento do fenômeno pode ser entendimento como conexão de sentido com a reciprocidade. Deste modo, a “experiência de sentido comum do mundo intersubjetivo da vida cotidiana” (SCHUTZ, 2008, p. 82), assim como a construção da ligação de significado entre indivíduos atuam para a formação de textura de expressividade entre sujeitos.

A ligação seria como um processo equalizador sensorial para a formação do mundo que cerca aquele ser simbólico. Aspecto sensorial que constitui fonte formadora para a estrutura de certa composição de significado. Expressividade de formação de construção de análise de percepção da realidade.

A movimentação simbólica colabora tanto para o processo de interação entre indivíduos que atuam, quanto para a construção significado da realidade formada. A expressividade subjetiva é fator de base para a comunicação entre indivíduos em uma sociedade que se posiciona em certa essência cultural.

o ambiente físico e sociocultural conforme definido [pelo indivíduo], dentro do qual ele tem a sua posição, não apenas posição em termos de espaço físico e tempo exterior, ou de seu status e papel dentro do sistema social, mas também sua posição moral e ideológica (SCHUTZ, 1979, p. 73).

O entendimento do mundo da vida, como fonte de existência no processo de prática de experiência da construção mundana, ocasiona a produção de sentido de determinado mundo e envolvimento com a formação de certa realidade simbólica. É como se o aspecto subjetivo de cada indivíduo tivesse perspectiva de construção real, que caracteriza então a formação e suposição da existência do mundo. O processo intersubjetivo é a ligação que compõe o ser-no-mundo como formação de atuação e certa temporalidade de composição na vida cotidiana.

É possível perceber que a experiência, assim como a interpretação da vida baseiam-se em estoque de memórias, experiências anteriores transmitidas pelo processo da interação. Compõe-se de desenvolvimento e envolvimento de conhecimento posterior, para outros modos de expressividade e construção simbólica: “Um estoque de conhecimento à mão que (...) serve como um código de interpretações de suas experiências passadas e presentes, e também determina sua antecipação das coisas que virão” (SCHUTZ, 1979, p. 74).

Inferre-se como composição de algo sensível, estético, o qual tem atuação simbólica em uma formatação de ambientação dimensional, que se amplia de acordo com processo de interação e influencia diretamente no modo de perceber o mundo em movimento, em seu contexto. Além disso, proporciona ferramentas para propor sentido, isto é, ser aquilo que cerca o sujeito, assim colaborando para aproximação entre indivíduos em uma composição sociocultural.

O sistema de conhecimento então adquirido – incoerente, inconsistente e apenas parcialmente claro – assume para os membros do grupo a aparência de suficientes coerência, clareza e consistência, conferindo a todos uma possibilidade razoável de compreender e de ser compreendido. Qualquer membro nascido ou criado no grupo aceita o esquema estandardizado dos padrões culturais que lhe é transmitido inteiramente pronto por seus ancestrais, professores e autoridades, como um guia não questionado e inquestionável para todas as situações que normalmente ocorrem na vida social (SCHUTZ, 2012, p. 91).

Cabe salientar que a interpretação da comunidade cultural é desenvolvida como algo prático da vida cotidiana, que faz parte da condição de ligação entre indivíduos, como a capacidade de percepção do outro. Na movimentação social, ela caracteriza a condição do cotidiano, modo de expressão e a capacidade fundamental de interação.

O significado subjetivo do pertencimento ao grupo se compõe de certo sentimento de compartilhamento de interesses comuns, pois propõe que ocorra uma condição de entendimento entre sujeitos: “O significado subjetivo que o grupo possui para seus membros consiste em seu conhecimento de uma situação comum com o decorrente sistema de tipificações e relevâncias” (SCHUTZ, 2012, p. 95).

Tal como uma perspectiva de compartilhamento que consiste na concepção de aceitação entre os indivíduos de algo comum, que os aproxima de alguma ambientação. O sistema de tipificações, assim como as relevâncias são símbolos de influência, que de alguma forma são ligados para melhor compor a formatação de interação dentro de determinado entendimento ao outro.

Evidencia a maneira de compor meios de orientação e interpretação como a linguagem e conhecimento dentro da realidade. São ligações e conexões comunicacionais entre indivíduos, caracterizando como certo aprendizado que adere a campos simbólicos para então envolver certo espectro real.

Enquanto um esquema de interpretação e de expressão, a linguagem não consiste meramente em símbolos linguísticos catalogados no dicionário e nas regras sintáticas enumeradas em uma gramática ideal. Os primeiros são traduzíveis em outras línguas; os segundo podem ser compreendido com referência às regras que incidem ou desviam daquelas que estão presentes na língua materna (SCHUTZ, 2012, p. 110).

Esta reflexão diz respeito à possibilidade de pensamento, modo pelo qual a interpretação é evidenciada, como a composição da expressividade consiste em um esquema de valor simbólico para a condução da realidade. Esse conjunto de regras que estão expressas representa um fator principal para a formatação da construção comunicacional sociocultural.

A fenomenologia hermenêutica, assim como a intersubjetividade estão ligadas à compreensão de determinada realidade simbólica existente, comunicacional sociocultural. Fator principal para composição, movimentação de análise, de pensamento para o processo de referência e de entendimento do cotidiano.

Visa-se, com os autores aqui arrolados que tratam da perspectiva comunicacional fenomenológica hermenêutica à intersubjetividade, mostrar o percurso de leituras com a tentativa de compreensão do fenômeno da subjetividade em sua perspectiva interacional, bem como abordar os principais pontos de referência para a reflexão sobre a percepção da realidade desenvolvida em certa construção simbólica.

O intuito foi sugerir que a fenomenológica hermenêutica exige, como seu pressuposto estrutural, a percepção de que o conhecimento possui um fundamento sociocultural, e, portanto, intersubjetivo. A interpretação do mundo, o ser que constrói significação simbólica em conjunto com os demais indivíduos a seu redor, constitui um produto cultural, sociológico e histórico.

Considerações finais

Para Neste trabalho, é possível constatar a percepção da comunicação dentro do processo fenomenológico hermenêutico à intersubjetividade, propondo uma reflexão acerca da ideia de composição real e prática da vida – fator importante para a construção subjetiva no ambiente comunicacional, cultural e social.

Destaca-se a percepção fenomenológica de expressividades que, de algum modo, cerca o indivíduo, como também a construção da percepção existencial do conhecimento. Mostra-se a capacidade experiencial comunicacional do ser-aí, como constituição da formação mundana de estar-no-mundo, desencadeando na percepção da hermenêutica.

O processo hermenêutico se expressa pela colaboração compreensiva, interpretativa de certo envolvimento, textura. Pontua como expectativa desenvolvimento comunicacional, sociocultural dentro de certo fator expressivo de composição real. Evidencia os processos cognitivos como aspecto de interação entre sujeitos, a ligação do indivíduo em certa frequência de sentido, a construção do ser em certo cotidiano, determinando a intersubjetividade.

O envolvimento intersubjetivo encontra, na experiência do sujeito, a composição das relações com o outro, como também sistemas de composições de realidades, que possibilitam o desenvolvimento interacional na essência subjetiva com relação ao aspecto comunicacional sociocultural.

A reflexão aqui proposta se compõe de ambientação para construções significativas, interacionais de envolvimento, de construção de sentido do sujeito dentro do fator comunicacional sociocultural. Evidencia um processo de análise fundamental para a própria constituição e formatação de realidade, que se expressam pela construção subjetiva em entendimento com o cotidiano, com a prática da vida. Proporciona de algum modo, a forma de percepção e de desenvolvimento do sujeito para com a sua estruturação de realidade, meio de reatividade de integração com certa expressividade real, que seria a essência da formatação grupal do ato existencial da atividade do ser humano.

Sobre o artigo

Recebido: 12/10/2018

Aceito: 23/11/2018

Referências bibliográficas

- CASTRO, F. 2013. Fenomenologia da comunicação em sua quotidianidade. **Intercom - Revista brasileira de ciências da comunicação**, São Paulo, v. 36, p. 21-39, 2013.
- DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia**. São Paulo: Ed: Moraes, 1992.
- DILTHEY, W. **Introduction to the Human Sciences**. New Jersey: Princeton University Press, Ed: by R. A. Makkreel & F. Rodi; trad. Michael Neville. 1989.
- GADAMER, H-G. **Hermenêutica em retrospectiva: Heidegger em retrospectiva**. Petrópolis, Vol. I. Ed: Vozes, 2007.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo. Ed: Martins fontes, 1999.
- NUNES, B. **Filosofia contemporânea**. Belém, Rev. E atual. Ed: UFPA, 2004.
- NUNES, B. **No Tempo do Niilismo e Outros Ensaio**s. São Paulo, Ed: Ática, 1993
- NUNES, B. **Passagem para o poético**. São Paulo. Ed: ática, 1986.
- RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**. Edição 70, 2009.
- SCHMIDT, L. **Hermenêutica**. Petrópolis. Ed: vozes. 2014.
- SCHUTZ, A. **Sobre a fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis. Ed: vozes, 2012.
- SCHUTZ, A. **El problema de la realidad social: escritos I**. Ed: Buenos Aires: amorrtu, 2008.
- SCHUTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro, Ed: Zahar, 1979.
- SIMMEL, G. Excurso sobre o problema: como é possível a sociedade. **Sociologia & antropologia**, Rio de janeiro. Vol. 03-06: 653-672, 2013.
- STEIN, E. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.